

AS RELAÇÕES DE CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA DE GABRIEL GARCÍA MARQUEZ E OS DOIS IRMÃOS, DE GERMANO DE ALMEIDA, COM A MORTE

Diego da Cruzⁱ

Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise das obras *Crônica de Uma Morte Anunciada* (1983), de Gabriel García Márquez, autor colombiano, e *Os Dois Irmãos* (1995), de Germano de Almeida, autor cabo-verdiano, por meio do conceito antropológico da morte, trabalhado por Rodrigues (1983). Um dos pontos de ligação entre as obras de Germano de Almeida e García Márquez é o tema da morte. Em *Crônica de Uma Morte Anunciada*, a morte da personagem Santiago Nasar é antecipadamente anunciada para todos os conhecidos e amigos da vítima por supostamente ter deflorado Ângela Vicário, irmã dos assassinos, antes de seu casamento com Bayardo San Román. Na obra *Os Dois Irmãos*, de Germano de Almeida, a morte aparece exatos vinte e um dias após a chegada da personagem André, que estava a trabalho em Portugal, e revela em sua trama a existência de um fratricídio praticado pelo jovem cuja vítima é seu irmão mais novo João. Ainda neste artigo, seguiremos a premissa de que a partir da década de 50 a América latina sofre profundas mudanças em sua literatura. Grandes escritores começam a promover a criação de uma rede textual que dê conta não apenas do particular, mas também do universal. O espírito crítico toma conta dos escritores latino-americanos: a sua interpretação do mundo muda conforme ele não somente toma consciência, mas também o escreve. Este movimento fez com que a literatura produzida por estes escritores ficasse refratária a literatura produzida na Europa. Assim, por se tratar de obras de dois autores da chamada periferia cultural, traçaremos todo o percurso de elaboração que as obras passaram, para, com Candido (1998), trabalhar o tema literário que nas obras estão presentes em torno do crime praticado por André, na obra de Germano de Almeida, e do assassinato da personagem Santiago Nasar e como eles representam a afirmação cultural, em face de seus colonizadores, vividos pelo povo latino-americano e cabo-verdiano.

Palavras-Chave: Cabo-Verde; cultura; personagem; morte; América-Latina.

THE INTERFACES OF "THE TWO BROTHERS" OF GERMANO DE ALMEIDA AND "CHRONICLE OF AN ADVERTISED DEATH" OF GARCÍA MÁRQUEZ AROUND DEATH

Abstract

This work aims to make an analysis of the works *Cronic of a Death Announced* (1983), Gabriel García Márquez, Colombian author, and *The Two Brothers* (1995), by Germano de Almeida, author Cape Verdean, through the anthropological concept of death, worked by Rodrigues (1983). One of the points of connection between the works of Germano Almeida and García Márquez is the theme of death. In *Cronic of a Death Announced*, the death of the personage of Santiago is an anticipated threat for all the acquaintances and friends of the victim for having suffered an addiction in Ângela Vicario, sister of the assassins, before its marriage with Bayardo San Roman. In the work *The two brothers*, by Germano de Almeida, an exact death and a day after an arrival André, who was working in Portugal, and reveals in his plot the existence of a fratricide practiced by the young man in his younger brothers John. Still in this article, we will follow a premise that from the 1950s Latin America undergoes profound changes in its literature. The great scriptures begin to promote the

ⁱ Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. / Email: diego.m.sno@gmail.com

creation of a textual network that account not only in particular but also make universal. The historical spirit is the possession of Latin American writers: their interpretation of the world is something that is not only the sense of consciousness, but also writes it. This movement caused the literature produced by these writers to be refractory to literature in Europe. Thus, when it comes to works of call from the cultural periphery, we will trace the whole course of elaboration of how the works have gone, for with *Cândido* (1998) we work with the literary theme that the engravings are present around the crime practiced by André., in the work of Germano Almeida, and the assassination of the character in Santiago, as the men represent a cultural affirmation, in the face of their colonizers, lived by the Latin American and Cape Verdean people.

KEYWORDS: Cape Verde; culture; character; death; Latin America.

1 – Introdução

Considerado o mais célebre escritor da América Latina, Gabriel García Márquez nasceu na Colômbia em 1928 e foi Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Falecido em 2014, da sua vasta bibliografia destacamos os romances *Cem anos de solidão* (1967), *O outono do Patriarca* (1975).

De García Márquez selecionamos para análise o romance *Crônica de uma morte anunciada* (1981). Esta obra foi escrita quando o autor soube que um amigo de sua família foi cruelmente assassinado: “‘Mataram Cayetano’. Para nos só podia ser um: Cayetano Gentile, nosso amigo de Sucre [...] A versão imediata foi que o tinham matado a facada dois irmãos da professorinha da escola de Chaparral que o vimos levar no seu cavalo [...] A minha reacção imediata foi sentar-me a escrever a reportagem do crime [...]”. (MÁRQUEZ, 2003, p. 381-2).

Dessa maneira, confessadamente inspirado na obra *Crônica de uma morte anunciada*, Germano de Almeida, renomado escritor cabo-verdiano – autor de diversas obras, dentre elas *Testamento do Sr. Napomuceno da Silva Araújo* (1981) e *O meu poeta* (1989) –, concebe a obra *Os dois irmãos* (1985). Segundo o próprio autor, esta estória fez parte de seu trabalho como agente do ministério público, onde participou do julgamento do fratricídio cometido por André, nome fictício, na ilha de Santiago em Cabo Verde.

Não à toa, a obra *Os dois irmãos* foi escrita inspirada na trama do autor colombiano, como o próprio Germano Almeida (2005, *apud* MANTOVANI, 2009, p. 86) confessa:

Já tinha a ideia na cabeça, mas não sabia como escrever essa história. Entretanto, comecei a ler o livro *Crônica de uma morte anunciada*, de Garcia Márquez, gostei e assim que terminei, comecei a escrever *Os Dois Irmãos*. Reconheço que fui influenciado neste caso pelo livro do Garcia Márquez.

Tanto assim que nas primeiras linhas da obra de Almeida o narrador já antecipa o fim da trama: “O juiz acabaria por considerar como provado que André Pascoal matou o irmão em circunstâncias não de todo perfeitamente esclarecidas mas que, no entanto, apontaram a sua convicção para a prática de um crime de homicídio voluntário” (1995, p. 11), tal qual acontece na obra de Marques: “No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 5 e 30 da manhã para

esperar o barco em que chegava o bispo” (MARQUES, 1983, p. 3).

2 – Dois contextos e um entrelaçamento ente *Os Dois Irmãos* e *Crônica de uma Morte Anunciada*

Um dos pontos de ligação entre as obras de Germano de Almeida e García Márquez é o tema da morte. Em *Crônica de Uma Morte Anunciada* (de agora em diante abreviada para C.M.A), a morte da personagem Santiago Nasar é antecipadamente anunciada para todos os conhecidos e amigos da vítima por supostamente ter deflorado Ângela Vicário, irmã dos assassinos, antes de seu casamento com Bayardo San Román. O que mais chama atenção nesta obra é a passividade do povoado, onde ocorre a estória, que se torna cúmplice da tragédia de Nasar pelo fato de os homicidas tentarem evitar o crime ao anunciar que iam cometê-lo, mas ninguém ter feito nada para salvar a vítima.

Assim, apesar de cúmplices e saberem que Santiago seria imolado, ninguém no povoado toca no assunto da morte, seja por pensarem que tudo não passava de um equívoco já esclarecido entre as duas partes; por não esperarem que os gêmeos Vicário tivessem realmente coragem de matar alguém – fato é que Santiago e seus assassinos eram amigos de infância –, ou ainda por acreditarem que a vítima já estava morta: “Clotilde Armenta, dona do estabelecimento, foi quem primeiro o viu no resplendor da madrugada, e teve a impressão de que ele estava vestido de alumínio. ‘Já parecia um fantasma’, disse-me” (MÁRQUEZ, 1983, p. 8).

Na obra *Os Dois Irmãos* (de agora em diante abreviada para O.D.I), de Germano de Almeida, a morte aparece exatos vinte e um dias após a chegada da personagem André, que estava a trabalho em Portugal, e revela em sua trama a existência de um fratricídio praticado pelo jovem. Irmão mais velho de uma família de quatro pessoas, André nasceu e cresceu em uma pequena e tradicional aldeia de Cabo Verde, até que um dia resolve emigrar a Portugal, onde permanece por três anos com o sonho de lá arranjar um bom emprego e melhorar de vida. Porém, ele é casado em Cabo Verde com Joana, mulher que vai ser o grande pivô do fratricídio, pois João, seu irmão mais novo, supostamente terá um caso com ela, como informa a carta de seu pai de modo a obrigar que André regressasse à sua terra natal: “Mas só três dias da desgraça viria o velho a arranjar coragem para escrever ao filho, informando-o numa seca carta e sem outros comentários de permeio que ‘o teu irmão está a andar com tua mulher’.” (ALMEIDA, 1995, p. 19).

Diferentemente de C.M.A., onde a passividade da população em torno do crime predomina, a aldeia de André torna-se ativa no assassinato de João, onde o fratricídio passa a ser a vontade popular, mesmo após três semanas da chegada de André, que ganharia *status* de covarde, caso não o praticasse.

Dessa forma, para o próximo item desse artigo, usaremos a palavra “tabu” para definir o conceito antropológico de Rodrigues (1983a) de que em toda sociedade a morte é “um sistema de significação”. Isso implica dizer que exista também um sistema de regras que organizam o pensamento, o sentido e o comportamento de seus membros em torno dela.

3 – Morte e sociedade: um conceito antropológico

Apesar de, nas obras analisadas, a morte ser proveniente de um crime para lavar a honra, as duas ainda têm em comum o fato de aparecerem com data marcada: em *Crônica de uma morte anunciada* – doravante *C.M.A.* – ela acontece em uma segunda feira às 7:05h; em *Os dois irmãos vinte e um dias após a chegada de André*. Porém, a significação que as duas estórias dão a ela é que vai ser motivo de espanto de seus respectivos narradores. Pois, enquanto na primeira obra não se evita as vias de fato por não se tocar no assunto, na segunda a personagem é forçada a isso como se o assassinato fosse nada mais que uma obrigação a ser cumprida.

A morte acompanha de perto não somente as duas narrativas, mas também toda a sociedade ocidental desde há muito tempo. Sabe-se, apesar disso, que a cada período histórico há uma concepção em relação a ela. Em literatura, basta atentarmos à condição de que nas epopéias do período clássico, onde a morte representava o fim de tudo, ela servia para unir na história os amantes que na Terra nunca foram felizes, para punir um vilão ou para consagrar um herói,

Não por acaso, uma das grandes questões da epopeia grega concentra-se na escolha entre a morte e a vida, o que desafia o herói Aquiles. Sua decisão de matar ou não Heitor, o grande e digno rival troiano, determina seu destino de viver como homem ou viver eternamente, como um deus. [...] Para os gregos do século IX a.C., a humanidade não é vítima de um destino implacável, mas pode escrever sua história (AGUIAR, 2010 p. 25).

Logo, de modo a seguir o raciocínio da autora acima citada, nos deparamos com a ideia de que no período medieval a morte ganha um caráter mais espiritualizado, pois foi nessa época que tivemos a concepção de vida após a morte, com a ascensão do cristianismo. Nesse sentido, já no período barroco, veremos que a morte contrapõe a vida, em uma verdadeira batalha de opostos, porém que jamais se separariam, pois apesar de serem diferentes, aparecem nitidamente presentes no cotidiano. Mais à frente, no romantismo, assistimos à morte como principal meio de fuga de uma vida injusta para um mundo idealizado.

Mesmo assim é muito difícil, para uma sociedade urbana, técnico-científica e consumista como é a nossa, falar de morte. Poderíamos chamar a relação que nossa sociedade tem com a morte simplesmente de “medo”; mas “medo da morte” seria uma contradição, uma vez que, como lembra Chauí, se se tem medo de fatos “concretos” vivenciados cotidianamente, por exemplo, ter medo de

animais peçonhentos é uma condição humana frente a um ente determinado.

Temos medo da delação e da tortura, da traição e da censura. [...] temos medo da culpa e do castigo; do perigo e da covardia; do que fizemos e do que deixamos de fazer; [...] da mutilação dos corpos [...] da Clevelândia, de Auschwitz, do Gulag, do Juqueri. [...] Temos medo da fala mansa do inimigo, mas muito mais, quão mais, do inesperado punhal a saltar na mão há pouca amiga para trespassar nosso peito (1987, p. 37-9).

Até porque, ao contrário da vida, que conhecemos em primeira pessoa, pois vivemo-la, apenas conhecemos a morte em terceira pessoa, quando alguém morre, visto que um morto não pode dissertar sobre ela. Assim, fica impossível ter medo de uma coisa que não podemos vivenciar. Poderíamos falar em “experiências de quase morte”, mas “quase morrer” ainda não é morrer.

Contudo, como salienta Rodrigues, “rechaçada como um tabu na vida cotidiana, a morte está, não obstante, presente em todos os momentos, nas mitologias, no ritual, no inconsciente” (1983b, p. 49). Dito isso, não é raro até mesmo na contemporaneidade podermos encontrar traços de morte em todo lugar. Basta atentarmos ao barulho da sirene de um carro de bombeiro; nas manchetes trágicas dos jornais; quando passamos em frente a um cemitério ou, ainda, quando nos defrontamos com um carro funerário. Com efeito, Rodrigues afirma que criamos em torno da morte uma conotação fúnebre, ou seja, tudo o que se relaciona com ela representa algo negativo, como se tivesse sido contaminado por ela. Com isso, “É fácil verificarmos este poder negativo nas conotações negativas com que vemos os ‘papa-defuntos’, os coveiros e todos os que de alguma forma se relacionam com ela” (1983b, p. 51).

Já é possível perceber que, mesmo sem jamais podermos vivenciá-la, a morte possui significação; é até catalogada, posto que existem várias formas de morrer; possui ritual, pois para muitos não se pode enterrar alguém antes de “velar” o corpo; e tem um lugar próprio, porquanto não se enterra um morto em qualquer lugar. Deste modo, “à morte reconhecemos uma eficácia ritual. [...] Basta olharmos em volta dos muros dos cemitérios e veremos a quantidade de ritos mágicos de que ela é objeto” (RODRIGUES, 1983b, p. 50). Assim, podemos destacar que o que se teme da morte não é a morte em si mesma, uma vez que não podemos tocá-la em primeira pessoa – ninguém morre e depois volta para contar como é a morte –, mas a ameaça à estrutura social que ela representa, caso contrário não daríamos classificação social a algo insondável.

Se buscarmos nas frias páginas do dicionário, a palavra “tabu” seria a que mais se encaixaria para definirmos a afinidade que temos em relação à morte; essa palavra teria a seguinte conotação: “1. Proibição religiosa sobre algo, por considerá-lo sagrado ou impuro. 2. Restrição ou censura social a certos tipos de comportamento. 3. Assunto sobre o qual não se fala, faz silêncio, por crença ou pudor” (BECHARA, 2011, p. 1217). Porém, nos prendemos ao fato de que a palavra

“tabu” aqui está sendo empregada como algo que não pode ser encarado de forma natural e intrínseca ao homem. A morte precisa passar por uma constatação social e, por isso, passa por todo um processo de ritualização, artifício feito para dar consistência e voz ao silêncio e inconcretude que ela representa.

Dessa maneira, conforme Rodrigues, o tabu da morte permeia implacavelmente todas as sociedades humanas, visto que todas têm um ritual para significá-la, e é o que as ligam à nossa sociedade ocidental. Só que, enquanto no ocidente há a tentativa de ocultar a morte e tudo o que a ela está ligado para “[...] obedecer a princípios políticos inteiramente localizáveis, característicos de nossa cultura” (1983a, p. 187), em outras culturas a morte é encarada e ganha lugar de destaque, exemplo disso são os *Kamikazes* que não se rendiam frente ao inimigo e lutavam até a morte nas guerras. A ritualização da morte passa a ser puramente etnocêntrica uma vez que cada sociedade tem uma forma de lidar com ela.

Acreditamos, assim, que a forma como a morte é trabalhada nas obras *O.D.I.* e *C.M.A.* tem semelhanças não somente por ser o tema que permeia as duas obras – o que trataremos mais detalhadamente no terceiro capítulo deste trabalho. Mas também porque nas duas obras a morte tem data e hora marcada para acontecer, de modo a indicar que cumpre todo um ritual e solenidade que dela se espera socialmente. Portanto, como explanamos acima, apesar de em *C.M.A.* o povoado parecer pacífico em relação ao crime a ser praticado e em *O.D.I.* a população ser ativa neste processo, os assassinos se enquadram e respeitam todos os “tabus” sociais para que os assassinatos sejam executados e ganhem validade. O motivo por que eles são impelidos a praticar o crime e também serem absolvidos está no fato de eles terem respeitado as normas exigidas por suas comunidades, caso contrário seriam desvalorizados enquanto indivíduos. É o que encontramos, por exemplo, em André, que é alvo de chacota até que seja levado a praticar o crime; e nos irmãos Vicário quando estes não demonstram nenhum arrependimento depois que matam Nasar.

O problema que se coloca agora é: por que eles são considerados verdadeiros heróis pela população, se são bandidos perante a lei, ou ainda, por que eles praticaram um crime mesmo sabendo que seriam punidos? Trataremos melhor deste assunto no item que se segue.

4 – Dois universos narrativos em torno da morte: encontro de gênios

Cabo Verde se enquadra em uma periferia econômica em relação à economia capitalista mundial. Além disso, se encaixa geograficamente onde são produzidos “bens de baixa categoria”, ou seja, mão de obra extremamente mal remunerada e onde são produzidas e consumidas apenas mercadorias essenciais para o uso diário. Porém, nesse contexto, não é de se espantar que autores cabo-verdianos vejam em outras literaturas, com exceção do modelo europeu colonizador, seus

“patrimônios simbólicos” (GOMES, 2008, p. 112).

A título de exemplo, como assinala Gomes, podemos citar a expressiva influência dos autores brasileiros – em especial os relacionados à semana da arte moderna de 1922 – para a formação de uma literatura nacional na ilha de Cabo Verde. Assim, “ao assumir afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma [...] evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado” (2008, p. 112).

Contudo, se, conforme Candido, a propósito da possibilidade do romance expressar a realidade, fizermos a seguinte pergunta, “No processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção?” (1998, p. 66), perceberemos que as semelhanças entre as duas obras aqui analisadas vão além do processo de formação. Pois a verossimilhança aparece igualmente como peça chave para concebê-las, e o argumento que deu origem a elas é também muito semelhante. Em *Crônica de uma morte anunciada*, o autor Gabriel García Márquez se fundamenta no crime que aconteceu na cidade de Sucre, quando um amigo seu foi cruelmente assassinado em nome da honra por manter um caso amoroso com uma garota antes do casamento sem qualquer evidência que provasse sua culpa, fato que marcou a vida do autor de modo que se transformou em livro, história confessada em sua autobiografia,

Dois irmãos da professora tinham perseguido Cayetano quando procurou refugiar-se em sua casa, mas dona Julieta precipitara-se a fechar a porta da rua porque julgou que o filho já estava no quarto. De maneira que quem não entrou foi ele, e assassinaram-no à facada de encontro à porta fechada. A minha reacção imediata foi sentar-me a escrever a reportagem do crime, mas deparei com todo o tipo de entraves. O que me interessava não era o crime em si mas o tema literário da responsabilidade colectiva. [...] não me sentia com coragem para continuar a viver em paz se não escrevesse a história da morte de Cayetano (Márquez, 2003, p. 382-3).

Já em *Os dois irmãos* o crime que deu origem à trama também marcou a vida do autor e o levou a conceber sua obra, como pontua Mantovani (2009, p. 15),

Segundo Germano Almeida, a história que deu origem ao romance *Os dois irmãos* aconteceu na ilha de Santiago, por volta de 1976, quando ele, como Agente do Ministério Público, foi designado para a “acusação de ‘André’ pelo crime de fratricídio”. Passado o julgamento, e nunca se sentindo em paz, Germano escreveu o romance, no qual, segundo o próprio autor, a realidade se confunde com a ficção. Desta forma, a escrita parece, para além do ofício de escrever, ser uma maneira de o autor resgatar e compreender os motivos que levaram André (nome fictício) a matar o próprio irmão.

Contudo, como salienta Candido, se disséssemos que as duas obras são cópias da realidade estaríamos cometendo um grave erro, visto que “o romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja

na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos. [...] Na medida em que quiser ser igual a realidade, o romance será um fracasso [...]” (1998, p. 67), isso porque a linguagem é incapaz de expressar a realidade, pois a realidade é um caos simultâneo, é infinito. Frente a isso, a linguagem surge como ordenada e temporal.

Não à toa, a obra *Os dois irmãos* foi escrita inspirada na trama do autor colombiano, como o próprio Germano Almeida (2005, *apud* MANTOVANI, 2009, p. 86) confessa:

Já tinha a ideia na cabeça, mas não sabia como escrever essa história. Entretanto, comecei a ler o livro *Crônica de uma morte anunciada*, de García Márquez, gostei e assim que terminei, comecei a escrever *Os Dois Irmãos*. Reconheço que fui influenciado neste caso pelo livro do García Márquez.

Tanto assim que nas primeiras linhas da obra de Almeida o narrador já antecipa o fim da trama: “O juiz acabaria por considerar como provado que André Pascoal matou o irmão em circunstâncias não de todo perfeitamente esclarecidas mas que, no entanto, apontaram a sua convicção para a prática de um crime de homicídio voluntário” (1995, p. 11), tal qual acontece na obra de Márquez: “No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 5 e 30 da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo” (Márquez, 1983, p. 3).

Dito isso, com toda certeza acerta quem até aqui aposta que as duas obras são análogas. Porém, não podemos deixar de perceber as “sutis” diferenças, visto que n’ *Os dois irmãos* o foco do narrador é André, que é o suposto assassino do irmão e, na obra de Gabriel, a narrativa está centrada em Santiago Nasar, que é a vítima da respectiva trama. Isso altera – como veremos no terceiro capítulo deste trabalho –, significativamente o desenlace das duas estórias de modo a estabelecerem um contraponto sobre o tratamento do tema da morte, em que a Nasar será atribuído o percurso da saga de Cristo, visto que não há provas que o condenem e o povoado assiste passivamente sua morte; e faz da personagem André o principal porta voz de sua cultura.

Destarte, conforme adverte a pesquisadora Ambrósio, quando a obra *C.M.A* faz referências ao mito de Cristo quer expressar o significado de renovação que este mito acarreta. Assim, por ser um crime de responsabilidade coletiva e o tema literário ser o que há de mais valoroso neste crime, como Garcia Marques mesmo atesta, esta renovação está ligada as transformações sofridas pelos homens da América Latina, pois “[...] García Márquez cifra sutilmente un mensaje de transformación para todos los hombres, y especial para los hombres de América Latina a quienes parece señalar um rumbo, y um destino” (MATURO *apud* AMBRÓSIO, 1986, p. 35). Por isso, o texto de Marques serve-se do que há de mais particular em um povoado que poderia ser em qualquer lugar da América Latina, uma vez que não é nomeado, para traduzir em uma linguagem universal de transformação o processo de independência cultural que vive o povo e literatura Latino

Americana.

Assim, de modo a seguir as indicações de Candido, podemos afirmar que as duas obras caminham sobre dois polos, a saber, a relação com a realidade exterior, ou polo da identidade em que os dois autores criam suas narrativas segundo seu contexto pessoal; e a autonomia da linguagem, a liberdade da criação “acima e além da ilusão de fidelidade” (1998, p. 67), perceptível no modo em que, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, os dois narradores usam o tema da morte. Pelo fato da arte não reproduzir a realidade, pois, parafraseando García Márquez, o que interessa nas duas obras é discutir o tema literário que as constitui, é que os dois autores dialogam por meio do texto ficcional e constituem o polo da diferença – criação – que age como força transformadora em face da referente realidade.

De tal modo que o texto de Germano de Almeida, justamente pelo fazer-se outro, ou ainda, nos termos de Antonio Candido, por transfigurar a vida é que o romance encontra sua verdadeira realização. Esse “elemento acrescentado” é o que faz com que o romance do autor seja obra de criação e não de informação constituindo para Cabo-Verde o que, para Tutikian, seria “[...] uma tentativa de fortalecimento ou de resgate das identidades locais, até porque a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” (2006, p. 15). Eis a originalidade dos dois artistas, por meio de quem a arte torna-se capaz de se transformar, na sua diferença, outro sistema de representação, caso contrário a realidade seria artística em si mesma e a arte seria supérflua.

Dessa maneira, as duas obras servem-se de personagens “projetadas – termo utilizado por Candido (1998) para definir as obras em que os personagens fazem parte da experiência de vida do escritor – para dar voz a afirmação cultural vivido pela América –latina, caso de *Crônica de uma morte anunciada.*, e Cabo-Verde, caso de *Os dois irmãos*, onde a obra de Germano de Almeida faz intertextualidade com a obra do autor colombiano, que por sua vez faz intertextualidade com o mito bíblico de renovação de Cristo, para, assim, traduzirem para o universal o particular de suas culturas.

5 – Considerações Finais

Nesta busca de afirmação literária Cabo-Verde procurou em outras terras, que não fosse a de seu colonizador português, inspirações por meio de afinidades culturais. Isso explica o fato desta ilha sofrer grandes influências da literatura Latino-Americana que também passou pelo mesmo processo de descolonização e tem sua produção literária já consolidada, em especial a literatura brasileira, caso também ressaltado por Gomes (2008). Assim, podemos perceber como Germano de Almeida buscou confessadamente nas obras do colombiano Garcia Marques, e em especial para nosso estudo o texto *C.M.A.*, um modelo para a confecção de sua obra *O.D.I.* Com isso, Almeida, ao

participar de um julgamento em que condena André (nome fictício) por cometer um crime de fratricídio na ilha de Santiago, onde era na ocasião agente do ministério público a serviço de Portugal, em 1976, é incentivado a escrever a obra *O.D.I.* Contudo, como o autor mesmo confessa, não tinha inspiração de como concebê-la até o dia em que leu *C.M.A.* em que Marques também inspirou-se em um crime praticado contra um amigo de sua família para escrever sua obra.

Porém, como podemos observar em Candido (2008), nenhuma obra é retrato fiel da realidade e quando um autor se inspira nela para confeccionar sua obra apenas o faz segundo sua intencionalidade. Nesse sentido, como explica o próprio G. G. Marques, o que interessa em *C.M.A.* é o tema literário que nela está sendo discutido e não o crime em si. Foi assim que realizamos um percurso sobre o tema da morte, que está presente nas duas obras por meio do conceito antropológico explanado por Rodrigues (1983) de que toda sociedade tem uma forma diferente de significar a morte, definido pelo autor como “tabu”, onde a morte só pode ser tocada por meio de rituais que obedeçam aos códigos convencionados por cada sociedade.

Por isso foi possível perceber a diferença de ritual em torno da morte entre as duas obras. Pois, enquanto no povoado em que se passa a trama de *C.M.A.* fica omite a ideia de que a personagem Santiago Nasar seria imolada pelos irmãos Vicário em nome da honra por um crime que não há provas de que seria ele realmente culpado, em *O.D.I.* esse crime é abertamente comentado e desejado por toda a população de modo a induzir André a cometê-lo, para, assim, não ser banido socialmente de sua aldeia. Fato é que Nasar não presta atenção aos códigos de morte de seu povoado que estava ao seu redor o tempo todo, enquanto que André, na obra de Almeida, é justamente o que melhor encarna as regras de sua tradicional aldeia.

Nesse sentido, com vimos em Ambrósio (1986), foi possível concluir que em *C.M.A.* o tabu em torno da morte existente no povoado da personagem Nasar está ligada à mensagem de renovação expressa no mito de Cristo, e que a obra faz referências. Assim, traduzindo o particular de um lugarejo que poderia ser em qualquer lugar da América latina em símbolos universais, Garcia Marques expressa o atual estado de independência cultural vivido pelos latino-americanos, destacado por Joseff no primeiro capítulo de nosso trabalho. De igual modo, vimos que a obra *O.D.I.* faz uma intertextualidade com a obra do colombiano para dar voz e afirmar cultura caboverdiana, por meio da personagem André, em face a cultura do colonizador, representada pela personagem João.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, V. T. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. In: CECCANTINI, J. L.; MARTHA, A. Á. P. (Orgs.). *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São

Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ALMEIDA, G. de. *Os dois irmãos*. Lisboa: Caminho, 1995.

BECHARA, E. *Dicionário escolar da academia brasileira de letras – língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Educação pela Noite e Outros Ensaios*. Editora Ática: São Paulo, 1989.

CHAUÍ, M. Os sentidos da paixão. In: CARDOSO, S. et al. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

GOMES, S. C. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MANTOVANI, A. A. *Espaço em Ruínas: meio social, conflito familiar e a casa em ruínas em Os dois irmãos de Germano Almeida e Dois Irmãos de Milton Hatoum*. 2009. 179 f. Tese (Doutorado) FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica de Uma Morte Anunciada*. Rio de Janeiro: ed.: Record, 1983.

_____. *Viver para contá-la*. Trad. Maria do Carmo Abreu. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

RODRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983a.

_____. *Tabu do corpo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983b.

TUTIKIAN, J. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

Referências Webgráficas

AMBRÓSIO, L. *Morte/não morte: o mito de Cristo em Crônica de uma morte anunciada*. Curitiba: UFPR, 1986. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19271/12560>. Acesso em: 03/08/2018.